



O PRESENTE DE ANIVERSÁRIO DO RIACHO FUNDO VEIO EM FORMA DE OBRAS. NA AVENIDA CENTRAL, O SERVIÇO ESTÁ PREVISTO PARA ACABAR EM MAIO

Riacho Fundo — entre o primo pobre e o primo rico

Cidade completa o 12º aniversário dividida entre a satisfação dos moradores da parte mais antiga e reclamações de quem vive na parte mais nova, criada há cinco anos

Sheila Raposo
Da equipe do **Correio**

Felipe Rocha dos Santos, estudante, 13 anos. Hobby: tocar violão. Sonho: montar uma banda de rock. Há dois anos no Riacho Fundo II, o menino nascido em Taguatinga e criado no P Sul de Ceilândia se enfeza com a poeira insistente das ruas de barro. Mas o que mais aborrece o garoto não é a falta de esgoto ou de asfalto, e tampouco a escassez de escola ou o atendimento precário do único posto de saúde do setor.

Para o fã da Legião Urbana, nada é mais entediante na cidade do que a falta de espaço de lazer. De um lugar apropriado para ouvir música, praticar esportes, paquerar. Em suma, um canto para se divertir. Carente de um lugar assim, Felipe se reúne com outros garotos na esquina de casa, pega o violão e manda ver.

O que ele não sabe é que essa reclamação não é exclusiva dos jovens do Riacho Fundo II. É também a principal reivindicação da garotada do Riacho I. Sem exagero, pode-se dizer que é o principal elo entre os moradores de um e de outro setor. Eles se unem por uma reivindicação em comum: a criação de espaços de lazer na cidade. Não que as reclamações sejam completamente opostas, mas as que se destacam como iguais são as que se referem à ausência de praças, campos de futebol, quadras, ginásios, parques de diversão. O Riacho quer se divertir.

No dia em que a cidade completa 12 anos, a reportagem do **Correio** esteve no local e ouviu a população. A disparidade de opiniões sobre o Riacho Fundo é tanta que as pessoas não parecem falar da mesma cidade. Fica claro o sentimento de abandono entre os moradores do Riacho II quando comparam o lugar em que vivem ao outro Riacho — o que é “melhor assistido pelas autoridades”, segundo dizem.

No primeiro, as pessoas fazem

poucas reclamações. Algumas gostariam de ter um posto de saúde maior; outras, que houvesse mais estacionamentos na Avenida Central. Mas, no geral, definem a cidade como sendo um ótimo lugar para se viver. “O Riacho melhora a cada dia”, avalia Alberto do Amparo França, comerciante de 43 anos.

A manicure Fátima Silva Aguiar, 50, enfatiza: “Temos segurança, assistência à saúde, bom transporte e educação de qualidade”.

No outro lado da cidade, os moradores economizam elogios. As queixas, por sua vez, não são poupadas. O Riacho Fundo II, na visão de quem mora lá, é um lugar onde falta tudo: segurança, infraestrutura, assistência à saúde, escola, transporte de qualidade. Todos foram unânimes ao ressaltar as diferenças (para pior, no caso deles) entre os dois setores. “Aqui é muito atrasado”, resume o auxiliar de topografia Esmeraldino Bento Luna, de 23 anos.

DIVERSÃO E ARTE

“O Riacho é uma boa cidade, mas é muito parada. Não oferece diversão aos jovens. Esporte é o que mais falta”, analisa o estudante Heleno Pereira da Costa, 19, enquanto observa as obras de melhoramento da Avenida Central. No chão de terra batida, em frente à casa em que mora, Felipe Rocha, o menino que sonha em ser roqueiro, faz a mesma reclamação. “A gente não tem o que fazer nas horas vagas. Por isso toco para meus amigos. É melhor do que se envolver com gente mal encarada”, simplifica o garoto.

A Administração Regional do Riacho Fundo reconhece que há poucas opções de lazer na cidade. A principal dificuldade, segundo o deputado Aguinaldo de Jesus, administrador do Riacho, está no tamanho dos lotes. Pequenos (o maior tem 300 metros quadrados), os lotes não comportam ginásios de esporte ou

GRANJA DOS PRESIDENTES

Antes de ser cidade, o Riacho Fundo foi granja. Lá, moraram presidentes da República (como Emílio Garrastazu Médici, Ernesto Geisel e Tancredo Neves). Em 1987, o prédio — situado dentro de um terreno com 56 hectares — foi transformado no Instituto de Saúde Mental, hospital-dia de referência nacional. Em 13 de março de 1990, o GDF criou um programa de assentamento de famílias cadastradas no antigo SHIS e no Centro de Desenvolvimento Social e originou a primeira quadra ocupada na Granja Riacho Fundo. Assim nasceu o Riacho Fundo, que hoje tem população de 41 mil habitantes.

mesmo a realização de grandes eventos. As praças, no entanto, estão previstas. “A população está ganhando um pacote de obras de presente. Mas é preciso ter paciência”, diz Aguinaldo.

O deputado também garante que serão construídos mais espaços esportivos. A QN 7, por exemplo, ganhará a primeira quadra poliesportiva coberta do Riacho. Em outros pontos, serão feitas outras quadras e os campinhos de futebol serão gramados, tanto no Riacho Fundo I quanto no II.

A cidade também terá um parque ecológico e de multiuso, cujo projeto é da Universidade Católica de Brasília. A previsão é de que a primeira parte estará pronta até

o final do ano. Serão 532 hectares de parque, entre o Riacho Fundo I e o Riacho Fundo II.

Paciência é a palavra-chave usada pelo administrador quando questionado sobre as diferenças entre o Riacho Fundo I e o Riacho Fundo II. Para ele, não há como comparar os dois setores. Um nasceu há 12 anos; outro, há apenas cinco. “Sabemos que os problemas no Riacho Fundo II são sérios. Mas não dá para resolver tudo de uma hora para a outra”, diz Aguinaldo.

As obras de ampliação e melhoramento da Avenida Central estão previstas para terminar em maio. No Riacho II, no entanto, o processo será mais demorado. “São obras grandes, que demandam tempo. O objetivo é deixar todo o setor asfaltado”, adianta o administrador. Ele diz ainda que o lugar ganhará muitas outras melhorias. “Há recursos do Bid (Banco Interamericano de Desenvolvimento) destinados para isso.”

Esse investimento no Riacho II, segundo Aguinaldo, tem como finalidade básica diminuir o atraso desse setor em relação ao seu “primo rico”. Tanto é que a região contará com uma subadministração. “Queremos acabar com essa diferença. É para existir apenas Riacho Fundo, sem divisão”, enfatiza.